

ANNO V

Nº 82

LIBRA NOVA

A sepia-toned portrait of a woman with dark, wavy hair, looking slightly to the right. The portrait is enclosed within a thin, hand-drawn oval border. The woman is wearing a dark, high-collared garment. The overall image has a vintage, aged appearance with some wear and tear along the edges.

FABRICA POPULAR

DE FERREIRA AMORIM & C.

CASA FUNDADA EM 1875

Toda movida por Electricidade

Especialistas das afamadissimas
marcas de cigarros:

Delicadas, Populares, Epitacio Passa, Santos Dumont, Amorim, Simão Leal,
18, 188, Smart, Dulce, Dalva, Mary, Guarany, Perolas Finas, Morenos, Palha, Cor-
tiça, Hilda, Osmarinas, 3 de Agosto, Globo, Vencedores, Condor, Victoria, Presidente
Wilson, Perfumes, Lucy, Pernambuco, Diva, Dantas Barreto, Castro Pinto, Solon de Lucena,
Nabuco, Progresso, Biquete, Ambrosio, Cigarillos Bahianos, Electra, Brasil Club, Mariette, Ve-
nancio Nuvia, Albertina, Chumbado, Roque, Venturoso, Mimosos, Victoriosos, High-Life, Daniel, De-
licados, Estrella, Orla, Condora, Mascote, Fidalgo, Santo Antonio, Dois Amigos, Sem Rival, e outras
innumerables marcas - Fabricados com fumos de primeira qualidade

Mantem sempre grande stock dos charutos Dannemann e Stender, da Bahia,
e variados artigos para fumantes, os mais exigentes.

TRABALHAM EM SUAS OFFICINAS, 340 OPERARIOS.

Endereço Teleg.: POPULAR

CAIXA DO CORREIO, 58.

RUA MACIEL PINHEIRO N. 133

PARAHYBA DO NORTE

Reflexões

(De um escriptor nacional)

CLXXIX

Nada ha mais fastidioso que um tolo hereditario.

CLXXX

A folice humana tem raizes tão profundas que nem a sciencia as pode erradicar.

CLXXXI

Individuos ha que nas elevações sociaes procedem como outros nas elevações phisicas; agacham-se.

CLXXXII

Ha individuos, que se agachando, julgam erguer os outros.

CLXXXIII

Homens existem que são simples sobresalientes.

CLXXXIV

Dá-se com certos homens na sociedade o que se dá com os presos numa penitenciaria: não tem nome, são numeros.

CLXXXV

Nada se parece menos com o homem calado do que o homem falando.

CLXXXVI

Não é virtude para louvar-se a boa fé dos estapidos.

CLXXXVII

Não ha como os ignorantes para se espantarem.

CLXXXVIII

Evitar é prudencia; fugir é covardia.

CLXXXIX

Ha individuos que se irritam com outros por não poder demittir-os dos cargos que occuparam.

CXC

Assim como nos fundamentos das grandes construccões se encontra o verme, nas bases das grandes acções se encontra o interesse.

CXCI

Os homens mais intelligentes são os que melhor dissimulam os seus interesses.

CXCII

Ha individuos que onde se escondem é dentro de si mesmos.

CXCIII

Como as palavras na grammatica, os homens se dividem na sociedade em substantivos e adjectivos.

CXCIV

Na vida privada como na vida publica a verdade vai sendo substituida pela affirmacão corajosa da mentira.

CXCV

Das formas da mentira, o exaggero é a mais commum e a mais incommoda.

CXCVI

A civilisação veste o homem de maneiras artificiaes porque não o pode despir da maldade natural.

CXCVII

O elogio é o artificio com que, a pretexto de exaltar-se um homem, se abate outro.

CXCVIII

A vaidade da mulhar é para agradar; a vaidade do homem é para aggreddir.

CXCIX

Duas vaidades tem o homem: uma para durante a vida, outra para depois da morte.

CC

Cada idade tem a sua vaidade propria.

CCI

A gratidão e a vingança são as faces oppositas de um mesmo sentimento.

CCII

Como os loucos têm manias que os fazem delirar, os sãos têm fraquezas que os fazem desvarraoar.

CCIII

E' convencional e precaria a superioridade que advem das posições officiaes.

CCIV

O odio é uma intoxicacão moral.

CCV

O odio é mais operativo que a gratidão.

CCVI

A consciencia é a face interna da alma.

CCVII

Tão diversas como as physionomias são as consciencias.

Companheiros inseparaveis

**WAHL PEN
EVERSHARP**

PONTA estriada no Ever-sharp, cylindro de metal na caneta Wahl, e identico desenho em ambos, identificam os melhores utensilios de escrever.

Ha-os gravados com os mesmos desenhos artisticos. Os que convem no tamanho, estylo e preço, encontram-se entre elles.

CASA PENNA

Os genuinos levam o nome gravado. Isso os garante.

THE WAHL COMPANY
Nova York E. U. A.



Pó de Arroz

RENY

Medicamentoso
e perfumado.

ADHERE MESMO
SEM CREME.

Principaes vendedores em Parahyba — A. Cunha & C.

Armazem de Estivas,
Louças, Vidros e
Exportação de Assucar
DE

BENJAMIN FERNANDES & C.

CAIXA POSTAL N. 3 — CÓDIGO — 111111

Endereço Telegraphico — FERNANDES

Praça Alvaro Machado 16

PARAHYBA DO NORTE

KOLA
WERNECK A NOSSA SAUDE
ESTA AQUI



KOLA-PHOSPHATADA WERNECK

O mais poderoso **TONICO**
empregado contra as moles-
tias ou excessos que produ-
zem exgottamento nervoso.

RAINHA DA MODA

SECÇÃO D'ALFAIATARIA

ESPLENDIDO SORTIMENTO

— DE —

CASEMIRAS INGLEZAS,
BRINS DE LINHO E
FINISSIMAS ALPACAS.

Cortador Italiano
diplomado e premiado
com **MEDALHA DE
OURO** pela Academia
de Corte de Turim.

CASA DE CONFIANÇA

PREÇOS MODICOS

Rua Maciel Pinheiro n. 206

Avelino Cunha & C.



Einstein, regionalista

Einstein deu ao seu contacto com o Brasil uma nota deliciosamente sympathica. Homageado na horrivel instituição que, a julgar pelo nome, é o *Copacabana Palace Hotel*, falou ali das bananeiras e do sol do Brasil, das varinas de Lisboa, das dansas da Catalunha. Tem-se quase a impressão de que ao primeiro sorvo de sopa ou ao primeiro reparo erudito do sr. prof. dr. Aloysio de Castro sobre a theoria da relatividade ou a primeira pergunta do sr. Assis Chateaubriand sobre o futuro da Republica alemã, hoje em tão tristonha viuvez — Einstein, pelo menos mentalmente, repetiu Carlos Fradique Mendes: «Nada de idéas, meus senhores! Nada de idéas! Nada de Sciencia ou Democracia!»

E conversando com o brilhante director d' *O Jornal*, Einstein que, sendo judeu, não é polyglotta; e sendo mathematico, o é plasticamente e sem prejuizo da imaginação, falou com a volupie de um artista do sol e das arvores e das velhas ruas do Rio de Janeiro.

Nunca um estrangeiro fez entre nós n'a mais nitida apologia do nacionalismo e até do regionalismo. Esse homem tão universal e tão sem patria nas suas preocupações, na sua sciencia, na sua gloria, no seu sangue de judeu, é dos que podiam ser alheios e até hostis ás variações regionares de vida; e desejar um mundo igual, plano, geometrico, sem

altos e baixos, sem zig-zags. Um mundo cinzento. Um mundo em que todos penteassem o cabelo do mesmo modo e comessem pela manhã a mesma sardinha em lata e bebessem o mesmo chocolate suíço e vestissem segundo o mesmo figurino e morassem no mesmo typo de chalet ou bungalow e ouvissem á noite o mesmo horrivel programma de Radio, depois de jantar o mesmo jantar á franzeza e dansassem o mesmo *trot* americano e morressem da mesma doença *standardizada* e com um globo de luz electrica na cama.

Que haveria, entretanto, de dizer Einstein ao sr. Chateaubriand? Que não comprehendia o mundo tristonhamente homogeneo. Que não comprehendia a Europa monotonamente igual. Queria uma Europa unida, decerto. «Mas o que eu desejaria para a Europa — disse o mathematico judeu ao sr. Assis Chateaubriand — era uma homogeneidade como a do Imperio Norte-Americano, restricta á esphera económica e politica. Cada paiz conservaria as peculiaridades e aptidões nacionaes, cultivando mesmo o seu regionalismo, o qual contribue tanto para dar a cada povo a sua physionomia propria, caracteristica e interessante. Eu não quero a homogeneidade espirital, porque esta faria o mundo demasiado monotono».

Já em Lisboa, o que mais encantara a Einstein, fôra a elegancia das varinas. Deliciosas creaturas que o sr. Assis Chateaubriand,

não sei porque, chama, inexpressivamente «vendedores ambulantes de peixe». E' como si alguém chamasse um engraxate «brunidor ambulante de sapatos».

«São mulheres — disse Einstein das varinas — de uma elegancia que me fez parar muitas vezes para admirá-las».

E' pena que não tivesse Einstein ido a Coimbra. Porque em Coimbra teria visto as tricanas. As tricanas de Antonio Nobre. Deliciosas tricanas melo-mulheres, melo-estudantes, o chale de côr traçado como si fôra capa de estudante, o pote d'agua fresca ou o tabuleiro de pasteis de Tentugal á cabeça — descendo e subindo ladeiras e creando rythmos no andar, agilmente plastico, como não os criam os rapazes da universidade nos seus versos e nas suas trovas. Entretanto, os rapazes de Coimbra vivem a pensar na plastica das Mary Pickford e das Pearl White; conhecem varios d'elles que colleccionavam cartões postais com as photographias de actrizes de cinema. Uns idiotas.

A julgar pelo que disse das varinas, vindo ao Recife, Einstein, como Lafcadio Hearn em Martimica, logo sentiria o acre requieime da plastica voluptuosas das nossas quadraons. Principalmente si as visse dançar um «côco».

Observando que em toda a parte o que hoje se admira é a melodia americana, disse ainda Einstein ao sr. Assis Chateaubriand: «Entretanto, as dansas nacionaes, quanto me

MIUDEZAS

E PERFUMARIAS.

ODILON MARTINS DE MESQUITA

RUA MACIEL PINHEIRO, 38

Endereço Telegr. — ODMESQUITA

Caixa Postal, 45.

PARAHYBA DO NORTE

CASA MORTUARIA

DE

J. Barros & Serrano

Fabrica de velas e colchoaria — Garage S. João, de automoveis e carros.

Completo sortimento de artigos funebres. Armadores e decoradores.

Confeccionam altares para baptizados e casamentos e preparam eças — Autos e carros funebres de 1.ª 2.ª e 3.ª, para adultos e creanças.

Accetta chamados para fóra da Capital e abre a qualquer hora da noite, podendo ser procurado na rua Duque de Caxias n.º 340 ou na avenida Pedro II, residencia de José de Barros Moreira.



O M O M E N T O

Apesar de já apparecido ha mais de um mez, ainda não foi feita ao livro *Pela Verdade*, do senador Epitacio Pessoa, uma só contestação logica ou que puzesse em duvida ao menos uma das affirmações do eminente brasileiro.

A menor duvida, o minimo detalhe está alli já esclarecido, porque a providencia e o conhecimento do meio em que agia ensinaram ao ex-presidente que, para os *apaches*, é preciso não deixar ponto nenhum onde maldosamente o embuste e a intriga encontrem o mais vago abrigo.

O livro *Pela Verdade* é pois, nesse sentido, um solido inatacavel.

Todos os arremecos têm-se quebrado deante da sua logica, da documentação abundante e escolhida, enfim de um conjuncto de qualidades que o excepcionam como livro unico na nossa literatura.

Como os ataques, nem sempre gratuitos, defensores espontaneos apparecem tambem do grande livro.

São amigos uns, admiradores outros do ex-presidente e muitos surgidos agora, brasileiros simplesmente e patriotas, revoltados ante a deshonesta campanha de deturpação em torno da defesa incontrastavel.

Porque não é nunca demasiado repetir: ante a palavra escripta não duvidam ainda os eternos feitores da opinião em deturpar o que está escripto, e este ponto o publico póde, elle proprio, julgar.

Felizmente a desmoralisação já começára.

Iniciada no governo que terminou em 22, continuou no processo que levou á cadeia o director de um jornal carioca, e completa-se e termina agora com a publicação do *Pela Verdade*.

E' mais um serviço que o Brasil e a Imprensa honesta ficam a dever ao sr. Epitacio Pessoa.



Os meios de transporte do interior

A fim de facilitar os transportes, no interior do Estado, por estradas absolutamente infensas aos caminhões, mesmo do typo FORD, o govêrno da Parahyba acaba de adquirir na America do Norte um tractor Holt, que tem demonstrado bem a efficiencia dos seus serviços, nas primeiras experimentações feitas.



No transporte de algodão, de caldeiras, locomoveis e peças de grande tonelagem e inteiriças, o CATERPILLAR, o "trem de terra", como pittorescamente appellidaram-no no interior, é de um valor inestimavel. As duas photographias que vemos nesta pa-



gina representam a grande machina de transporte e os carros-reboques, na rua da Republica, nesta capital, momentos antes de partir para Campina Grande, com um enorme carregamento de gazolina e cimento.

São os mechanicos, na machina, os srs. Jackes Wicks e Salvador Nigro.

O novo Chefe da Comissão de Saneamento Rural



Já se encontra na Parahyba, onde veio assumir a chefia do Serviço de Saneamento e Prophylaxia Rural, o nosso illustre conterrâneo dr. Walfredo Guedes Pereira. A designação do nome do conceituado medico para superintender esse departamento, a que a nossa terra já deve apreciáveis serviços, foi recebida neste Estado debaixo da mais jubilosa impressão.

Conhecidos são o senso administrativo e o criterio com que sabe tomar attitudes á frente das coisas publicas o sr. Guedes Pereira, basta evocar o que foi a sua gestão á frente dos negocios da prefeitura da capital, durante o governo Solon de Lucena: uma gestão de dynamica actividade, de movimento e de realizações. Para a conceituação do merecimento dos homens publicos, os melhores elementos hão de ser sempre os factos concretos e estes ahí estão, a attestar a capacidade de trabalho e o senso das necessidades publicas do sr. Guedes Pereira.

Como chefe da commissão Sanitaria o ex-governador da cidade reafirmará de certo estas qualidades. E isto com os applausos sentidos da Parahyba,

GUISOS...

(Os ridicularizadores do Brasil...)

Os inimigos de nossa Pátria sempre são apanhados em suas laçanhas vergonhosas e em suas proezas de *hojaladores*...

De tempos a tempos apparece um accusador que se offerece gratuitamente para fazer mãos reclames de nossa civilização e de nosso territorio.

A grandeza, a coragem e destemor de nossos irmãos é sempre alterada e nullificada pelos falsos calumniadores. Agora se nos apresenta um grupo de individuos sem importancia e que vivem a implorar o pão de terra em terra, como ciganos, a fazerem a maior propaganda infame de nosso paiz, em territorio de uma nação actualmente nossa amiga.

E' o caso: Li em um dos jornals da terra, em secção de «Commentarios» uma noticia que, bem considerada constitue uma affronta ao nosso povo: uma *vogabunda e unurpizada* companhia hespanhola intitulada (gravem todos o nome) ROBERTO SORIANO, que está realizando uns espectaculos (diz a referida noticia) pela Argentina e tem como peça de resistencia *O Brasil e os seus costumes*, na qual se procura lançar o ridiculo sobre o nosso paiz.

—É o interessante é que a famigerada companhia de *camuobembes* quiz representar *O Brasil e os seus costumes dentro do Brasil*, na cidade de Uruguayana, Estado do Rio Grande do Sul, mas não o pôde conseguir em virtude de «o nosso consul em Los Libres» lhe ter negado passaportes para o mesmo Estado.

—Quizera que a *magnifica* companhia hespanhola tivesse o praser de representar no Rio Grande do Sul, porque, agora, onde estão poderiam fazel-o, mas, com as costas quentes.

—Deus os proteja sempre para, enquanto existirem, não se lembrarem de procurar o nosso territorio, porque ahí é que lhes mostraremos com toda a satisfação o verdadeiro *Brasil e seus costumes*. — J.

□ □ □ □

Leitores de ERA NOVA



O SR. CEL. ALFREDO DA CUNHA PEREIRA BRANDÃO, PROPRIETARIO NO INTERIOR DE PERNAMBUCO.

PALCOS

FESTIVAL BENEFICENTE

A representação o mês passado da interessantíssima revista em 1 acto, de Eudes Barros, alcançou um dos melhores sucessos de bilheteria do velho Theatro da praça Pedro Americo.

A Parahyba esteve, lá, no quanto pôde comportar o elegante recinto do theatro official.

Iniciou o espectáculo em beneficio dos cofres da «Cruzada Contra a Tuberculose» a velha comedia do sr. professor F. Barroso.

Desempenharam-na os amadores Lourival Ribeiro, mlle. Servula Velloso, e sr. Cilaio.

Comedia antiga, Depois da Lua de Mel é, comtudo, a melhor peça do repertorio do apreciado comediographo parahybano. Pelos seus lances intensamente picarrescos desopila muito numa boa interpretação.

O comico Rosas, por um processo inqualificavel, plagiou-a integralmente, numa farça que representou pelo sul com o titulo de «Creado de Salas».

Lourival Ribeiro esteve seguro no seu papel; mlle. Velloso apenas pouco natural; o sr. Cilaio, como sempre, irresistivel na sua comicidade.

Seguiu-se, minutos depois, o acto de variedades. Cantou a «Gaúcha», samba sulista; «Mãe», fado triste, a graciosa senhorita Maria do Carmo Velloso. A senhorinha Cynthia Pessoa Pia, com muito encanto e pittoresco, fez ouvir uma engraçadíssima matutada, letra de Mardokêo Nacre, sendo estrepitosamente applaudida.

Após tudo isso, a revista.

«A Parahyba em sonho», segundo nos informou o autor, é uma peça de sua meninice. Fez-a em 1919 a pedido do sr. Sizenando Costa, então director do «Grupo Escolar Epitacio Pessoa».

O prof. Sizenando alvitrou-lhe varios flagrantes que o poeta soube aproveitar com a arte que lhe é propria.

Depois da primeira representação num largo departamento do referido Grupo, onde se construiu para esse fim um theatrinho, representação aliás feita com exito ruidoso, a «Parahyba em sonho» mereceu a segunda por senhorinhas e cavalheiros do nosso meio, em 1920, no Theatro Santa Rosa. Na actual representação, foi corrigida completamente a «Parahyba em sonho», o que justificou a sua acceitação sensacional pela nossa culla platêa.

O enredo da revista é original, revelador da influencia cultural que soffreu o poeta parahybano nos seus prodromos literarios: é um enredo mythologico. Entoando um hymno a si mesmas, apparecem a bailar as três Graças circumdadas das nove musas. Pleno Olympo. Morpheu, que nisto apparece, adormece uma das musas e combina com as outras o lugar em que deve enviar a camena no seu sonho. Ahi, como se adivinha, é a Parahyba o lugar escolhido. E succedem-se com muito espirito as scenas da revista, todas de costumes e typos nossos que, como é natural, impres-

sionaram a Musa. Esta, na sua volta ao Olympo, fez uma narração de tudo o que viu por cá, causando inveja às outras «protectoras das Sciencias e das Artes».

Desempenhou o papel da Musa a gentil mlle. Alzira Costa, lindo ornamento da nossa sociedade, sendo pelos seus encantos naturaes alliados a uma auspiciosa tendencia, que manifestou para o palco, corôada de successo. O outro compêre foi o sr. Waldemar Trigueiro, que soube fazer rir a valer no papel de Cócota. Cócota, é hoje o sr. Vercelencio da Costa, pae de familia, já esquecido dos seus bons tempos de cow-boy à Tom-Mix, do seu cavallito Tony, (que matou sem querer com refreio desastrado) e das suas lutas romanas.

A platêa explodiu com o sr. Lourival Ribeiro no papel de matuto, applaudindo-o freneticamente bem assim a mlle. Severina Gomes, que encarnou, com intelligencia o papel da Zutinha, filha do jêca.

«Parahyba em sonho» foi bem acceita pela critica.

PELOS ESTADOS



Um lindo aspecto do engenho Camarão no município de Palmares em Pernambuco

INDICADOR DA ERA NOVA

MEDICOS

- Dr. José Maciel** — Consultório: Rua Maciel Pinheiro, 169. Residência: Praça 1817.
- Dr. Mario Neves Coutinho** — Consultório: Rua Duque de Caxias, 504; 1.º andar.
- Dr. Sivaldo de Borba** — Consultório: Rua Duque de Caxias, 363.
- Dr. Renato V. de Azevedo** — Consultório: Rua Duque de Caxias, 504; 1.º andar, das 9 às 11 horas da manhã.
- Dr. Manuel Florentino** — Consultório: Farmácia Lombrini, Rua Maciel Pinheiro, 126.
- Dr. Alvaro Nasser** — Consultório: Praça Comendador Felizardo, 1.
- Dr. Alfredo Monteiros** — Consultório: Avenida General Osório, 231.
- Dr. Newton Lacerda** — Laboratório Clínico: Praça 1817.
- Dr. Nelson Maia** — Consultório: Rua Barão do Triunfo, 271.
- Dr. Oscar de Castro** — Consultório: Farmácia Lombrini e Assistência Pública Municipal.
- Dr. José Magalhães** — Especialista em doenças de olhos, garganta, nariz e ouvidos. Consultório: Rua Duque de Caxias, 504.
- Dr. Jayme Lima** — Medico-Parteiro — Avenida General Osório.

ADVOGADOS

- Dr. Paulo de Magalhães** — Redacção d'«A União».
- Dr. Antonio Botto** — Praça Aristides Lobo, 66.
- Dr. Adhemar Vidal** — Redacção d'«A União».
- Dr. Agrippino Nobrega** — Rua Barão do Triunfo, 408.
- Dr. José de Almeida** — Rua Epitácio Pessoa, 322.
- Dr. Flodoulo da Silveira** — Rua Maciel Pinheiro, 45.
- Dr. Renato Lima** — Praça 1817, 195.
- Dr. Antonio Sá** — Rua Cardoso Vieira, 272.
- Dr. João Dantas Milanex** — Rua Duque de Caxias, 413.
- Dr. Antonio dos Santos Coêlho** — Rua 13 de Maio, 81.
- Dr. Irineu Joffily** — Rua da Palmeira.
- Dr. Otto Britto** — Rua Duque de Caxias, 126.
- Dr. Braz Baraculhy** — Bananeiras.

CIRURGIÕES-DENTISTAS

- Maria de Queiroz** — Rua 7 de Setembro, 282 — Tambiã.
- Luiz Burly** — Rua Duque de Caxias, 165.
- Janson Lima** — Rua Barão da Passagem.
- Nelson Carneira** — Praça Aristides Lobo, 66.
- Elvidio Ramalho** — Rua Duque de Caxias, 504; 1.º andar.
- Alvaro Lemos** — Rua Duque de Caxias, 422.
- Francisco Ramalho** — Rua General Osório.

TABELLIÃES

- Dr. Pedro Ulysses de Carvalho** — Rua Duque de Caxias, 13.
- Dr. Manuel Moraes** — Rua Maciel Pinheiro, 85.
- Dr. João Cancio Brayner** — Rua Barão do Triunfo, 408.
- Ignacio Evaristo** — Rua Maciel Pinheiro (Palacete da Associação Commercial).
- Maximiano A. Monteiro da Franca** — Rua Duque de Caxias, 446. Tabelião Publico, Escrivão de Orphãos e dos Feitos da Fazenda Estadual.

PAPELARIAS E TYPOGRAPHIAS

- J. Coêlho & Irmão** — Objectos para escriptorio. Rua Maciel Pinheiro, 218.

RELOJOARIAS

- «Relojoaria Dalia»** — De B. Vicente Dalia; Oculos e Pincenez — Rua Maciel Pinheiro, 30.

MERCEARIAS

- «Mercearia Maia»** — Casa especialista de generos alimenticios e bebidas de todas as qualidades — Rua Maciel Pinheiro, 55.

FABRICA DE MOSAICOS

- Situada á Praça 1817 — De **Walfredo Guedes Pereira Sobrinho**.

PHARMACIAS

- «Santo Antonio»** — De Ovidio Lopes de Mendonça. Praça Pedro Americo, 53.
- «Brasil»** — De Londres & Cia. — Rua Maciel Pinheiro, 157.

CURSO DE DACTYLOGRAPHIA

- Rua Sete de Setembro, 171 — Tambiã. Directora: **D. Rosita de Almeida Brandão**.

OURIVES-GRAVADOR

- Florippes Carvalho** — Rua Barão do Triunfo, 436.

ARTIGOS DE MODAS

- Especialidade em chapéus — **P. Marinho** — Rua Maciel Pinheiro, 205.

OFFICINA DE CLICHÉRIE

- «Era Nova»** — Serviços nitidos e garantidos de Photogravura e de Zincographia. Rua Peregrino da Carvalho.

Musa futil

«Mile» Zizi

Zizi, com sua graça melga
Que irradia uma auréola de encanto...
Zizi, semblante rutilo de grêga,
Subiu ao palco divinamente!
Fez seu papel de musa! Emtanto,
Muito antes, era, sendo tão melga,
Musa bemdita de tanta gente...

«Parahyba em sonho»

O Eudes é um dos meus amigos.
Rapaz de uma alma de criança.
Escreve muito; poucos o lêem...
O Eudes, então, como vingança,
Escreve sempre, sempre! não vêem?
Após a ida da «Companhia
Maria Castro»... O Eudes, que faz?
Uma revista-mythologia...
Durma-se ainda, com tal rapaz!
Não há cabeça que gyre tanto...
Creou u'a Musa (como não há!)
Que deixa o Olympo, com desencanto,
Que acha esta joça... melhor que lá...
Ao que parece, só de facécia
Vive esse Eudes — o povo diz,
Fazer a Musa sahir da Grecia...
Para... (Que gôsto! gôsto infeliz...)

Canções que a Vida me ensinou...

*Faz-trot de Copiba
Letra de J. da Retrêta*

Em cada tortura
do meu coração,
zumba a minha Vida
num intérmio verão...

Amo-a nos meus versos,
— fôlhas sem guarida
que no outono da Alma estão dispersos...

Sempre a encher de enlévo os meus instantes,
minha irmã-Tristeza me mandou
que cantasse a todos os Amantes
as canções que a Vida me ensinou...
A canção da Vida me dizia:
Sente com volúpia o dissabôr...
traze num sorriso a alma ferida...
Só é feliz na Vida
quem sorri
na Dôr...

Um poema...

O céu...
A fumaça longínqua de um navio...
Um lençinho, lá longe, acenando, acenando...
A espuma longa... o horizonte...
Saúde...

Modestia...

Meus bons amigos, vocês deviam...
(Eu sou modesto; jamais da gloria,
Tive esta ância ingenua e fálua).
Mas... (entre nós) vocês deviam
Me elevar uma... estatua.

Jornal das Moças!

Nevinha e Odette, boas e léves...
(Não sei qual dellas mais borbolêta)...
Disseram: «Vamos, João da Retrêta,
Fundar nas Neves
Uma gazêta!» —

Elle, que na sua volúpia esthetica, amava, como o éphebo de Unido, só a Belleza classica, immortal e marmorea; elle que os olhos do espirito desviava, com amargura, da vida, para só ver a Grecia dos Deuses — meditava.

— Em que pensas tanto?

— Meu amigo, eu não penso em nada: Eu souto que qualquer coisa de immenso, de tenaz, de tyrannico — como uma hydra ou como um pólipo — se está nutrido, crescendo em mim, criando guerra, alargando tentáculos, me dominando, me envolvendo e me absorvendo tudo numa caótica entranheira, indefinida, alarmantissima, que me creia, que me absorva tudo...

— Comprehendo...

— Sim, meu amigo, é o amor.

— ... que não deixa, meu velho, de acerbamente necessitar a poesia.

Elle era um desses espiritos predestinados por uma Ordem Divina a que descesse na Terra as Verdades Eternas, as Bellas Eternas...

Homens mais devotos ser, absolutamente, o Gênio.

Mas no concerto dos pensamentos, que se afasta do mundo, quanto não carece pulsar o coração por um sentimento humano e terreno que se faz sentir, de novo, a realidade, a humanidade, a terra...

Amava, de milhens... O que ellas não fizessem...

No entanto, quem diria?! um corpo onde perturbadora e trivial sensualidade tentava amenizar a carencia dessa elegancia simples e virgem das attitudes innocentes e espontaneas... Mas foram os olhos! uns olhos envolventes, scintillantes, e verdes...

Ella não conseguiu impressionar-o de subito. Se não fossem uns olhos tão envolventes, tão scintillantes, tão verdes... Sim! o milagre... Os olhos conseguiram o milagre esquivo! Conseguiram transfigurar aos olhos do moço poeta uma perturbadora e trivial sensualidade de coquette em todo aquelle deslumbramento illusório...

Dahi o amor, as juras interminas, o enlevo interminoso, os sonhos pertinazes de uma alma julgando adivinhar nas estudadas, nas premeditadas expressões de uns olhos um sentimento que não sei se é possível no coração... O moço poeta voltára de sua ultima... Ultima? Quantas vezes, sem que elle lhe murmurava um "amo-te"... Era um murmúrio só:

Milagre de uns olhos verdes...

conto de EUDEN BARROS

— Amo-te...

E ella inclinava a fronte. E elle insistia:

— Amo-te?

Então, como resposta, ella lhe erguera lentamente, silenciosamente os olhos envolventes, scintillantes e verdes, baixando-os em seguida, lentamente, silenciosamente sobre uma rosa amarella, que pregára no seio...

— Esta rosa...

— Toma-a...

Chegando á casa, — a cabeça invadida de ideias que se desentroncavam e se combatiam e se harmonizavam numa só idéa, elle poz a rosa no jazo.

Sentou-se para escrever. Os versos sahiam-lhe como acorchas, do cerebro.

Já cantavam, lá fóra, os gallos da madrugada a violenta apoteose do recolhimento...

E elle — bello na sua inspiração magnânima — escrevia. A cabeça ardia-lhe. Doia-lhe.

Elle, porém, não percebia a passagem dos instantes.

O moço poeta, levantando-se, abriu os braços e a bíscia com gesto longo de fadiga.

E abriu as venezianas para a alvorada, que lhe mandava, sentindo-o, uma aragem fria agitar-lhe os cabelos.

A vigília prestava-o. Mesmo aquella aragem fria...

O amor, porém, não esquecer que adoece.

E' mais, foi ao jazo e viu a rosa amarella que jáa dilacerada na corolla por uma formiga...

— Logo a rosa que ella me deu!

E estendendo o pequeno animalculo, beijou a mimosa virgine e fechou-a entre as paginas de um livro de confidencias...

Na sua olhos o trecho de céu que se estendia cheio de estrelas sobre a casa della. Naquelle trecho de céu brilhava todas as noites uma estrella maior do que as outras. Quasi da millancia de Sirius...

O moço poeta, no ansio de ver a mulher amada, via primeiro aquella estrella. E falava-lhe. E porquê estava, talvez lhe ouvisse e entendesse a palavra effusiva... Mas a estrella tratava agora um brilho immenso. Um brilho azul...

— Porquê?

E a estrella que todas as noites brilhava naquelle trecho de céu, correu como

que espavorida, como dôida pelo firmamento a fóra, desaparecendo, para sempre, no mysterio dos outros céus...

— Indio! sorriu o poeta. Impressionar-me com uma rosa picada por uma formiga... com uma estrella que desaparece no

céu... Que atavisino! sorriu.

Passando pela casa della, não a viu. A rosa picada, a estrella cadente inquietavam-no agora.

— Será verdade... Nunca! Não creio...

Um grupo garrido de collegas de imprensa arrebatou-o entre dichotes, boutades amigas. Moçada talentosa e bohêmia, que vive pelas redacções e pelos cafés confundindo Minerva e Baccho na mesma idolatria folgazã...

Mas na Avenida alguém o viu retirar-se dos amigos, sem um cumprimento, sequer...

Alguém lhe ouviu esta palavra: «INDIGNA!» e viu-o, em seguida, rasgar pallido, mas sereno, algumas laudas de papel, que cobriam de versos...

Ella, num dos bancos do Largo, com as mãos nas mãos de um moço bonito, envolvia a nova presa na enganadora luz de uns olhos envolventes, scintillantes e verdes...

* * *

Severino de Lucena — Já está de regresso de sua viagem ao Rio de Janeiro o nosso prezado director Severino de Lucena, que para alli seguira acompanhando o sr. dr. Solon de Lucena, chefe do partido situacionista e presidente do Estado no ultimo quadriennio.

Volta o nosso illustre companheiro a occupar o posto de destaque que lhe pertence nesta casa, onde a sua ausencia, embora de breves dias, abriu um claro impreenchivel, acostumados que estamos a tê-lo como timoneiro na nossa vida de imprensa.

Lado a lado connosco, nas nossas luctas de todos os dias, é com vivo prazer, e o maior affecto que o abraçamos, reiterando os votos de boa viagem que lhe apresentámos pessoalmente.

DO RIO

Reportagem de Impressões

O Museu Histórico. Reconstituição, em dois annos, de quatro séculos de vida social. 2.496 objectos históricos.

Um acaso amavel levou-nos há dias aos salões do Museu Histórico, instalado num dos edificios da Exposição do Centenario.

A impressão que nos deixou essa visita foi, antes de tudo, uma grande e gratissima surpresa. Temos, enfim, admiravelmente organizada, uma casa em que recollir a documentação da nossa jornada historica.

E esta surpresa será decerto a mesma de todos os visitantes. Acostumados como estamos a uma tradição de indifferença e desleixo para tudo que se relacione com o nosso passado, ninguém terá imaginado, que, com o unico auxilio de uma veiba insignificante e desajudado de quaesquer outros estímulos, seja o Museu Histórico já hoje a esplendida realidade que tivemos diante dos olhos — obra, assignale-se, de um estibeta da archaeologia e apaixonado da historia social, que é o sr. Gustavo Barroso. Surpreheende, effectivamente, o que essa energia individual solitaria, mal apercebida de outrem, vem realizando nesse sentido.

Tojo o serio e fecundo labor mental do sr. Gustavo Barroso, sem, aliás, o sacrificio do temperamento individual do artista, tem-se exercido em favor da coordenação de estudos das coisas brasileiras.

Estudioso e erudito, o joven academico sabe dispensar os olhos pretos e o lenço de rapé dos nossos estudiosos e eruditos. Sua erudição não é, como a de tantos outros, uma sêcca e esteril faina de colleccionador. Sabe comunicar ao rude labor do estudioso a flamma da criação artistica. Este sympathico aspecto, tão raro num homem de estudo, singularza no Brasil, a individualidade de João do Norte. Folk'orista, que não exclui o sentido da sympathia artistica, dá ao simples mistér de compilação da literatura oral do nosso povo um traço pessoal que denuncia uma sensibilidade esthetica das mais finas.

Suas rhapsodias folkloricas, como as de Leonardo Motta, não attestam apenas um esforço de compilador, mas uma visão de ethnologo, um retratista de raças e de agglomerados humanos. Estylizando narrativas populares, fabulas, rusticas, lendas sertanejas; riscando, em agas-fortes energicas, as figuras epicas de herões-bandidos, grandes luctadores anonymos e os Homeros analfabetos dos sertões, levantou o traçado psychologico da sua gente, a gente rude, bôa e forte, que realiza, anno a anno, a epôqea espantosa da resistencia á implacavel fatalidade das sêccas

Essa paixão das coisas brasileiras, tão rara em nossa literatura de boulevardiers, explende, no Museu Histórico, integralizada numa fôrma concreta e tangivel. A energia de um homem attenúa ahí a nossa irreductivel indifferença pelo passado, a nossa falta de estudos sobre figuras e acontecimentos sociaes, de documentação historica e codificação de elementos que permitam a formação de um verdadeiro sentimento nacional.

A par da documentação historica, a artistica fere a nossa attenção. Vemos, espalhadas por todos os salões, de accordo com sua significação historica, uma grande copia de productos da intelligencia artistica brasileira, expressões de artes ingenuas e bellas, de ceramica, de talha, de escultura em jacarandá, fragmentos de decoração religiosa, portas, gradis, marcos, pedras d'armas que valem como éphemerides eternas.

E toda uma galeria de preciosidades de arte colonial: candelabros de bronze e crystal, fluribulos de prata, custódias, cruzes, e as imagens esculpturadas em madeira, obras primas desse espantoso mestre valente, genio de santa humildade.

Si da esthetica da devoção passamos á «esthetica sombria das batalhas», vemos uma admiravel documentação de nossos felizes guerreiros de todos os tempos. Armaduras, trophéus arrancados aos inimigos; bulas de canhoneiros

a que resistimos; a bandeira brasileira de que Lopez fez tapête, e os objectos que trazia o allucinado Tartarin paraguayo quando heroicamente se amoitou para se matar a si mesmo.

No departamento consagrado ao genio bellico estão representados todos os ramos da arte de matar: armas de todos os typos, desde o sacape de Tibiriçá até o punhal de (perdão, Shakespeare!) Brutus Manso de Paiva.

Na Sala Osorio, reponta de uma infinidade de reminiscencias a figura épica do grande homem, flôr do genio guerreiro da raça. Reponta como foi, como viveu, como combateu, herôe montado, guerreiro gaúcho, de coragem romantica. Lá estão o poncho de vicuña, os arreios do cavalleiro, e a cuia de matte, e a guampa em que bebia a agua incerta das campanhas, e a lança com que investia contra o inimigo na época em que os generaes ainda combatiam á frente das tropas.

A sala das bandeiras é a historia do Brasil em 116 retalhos de panno: desde a bandeira do Conde D. Henrique, primeira de Portugal, até os pendões da ideologia brasileira, os estandartes das campanhas, que vêm forjando o sentimento nacional; os trapos sangrentos das revoluções, dos inconfidentes e rebeldes que em seu tempo foram reprobos e hoje são herôes da nacionalidade.



AMERICA CENTRAL — Antiga ponte de pedra em Panamá

P
A
R
Q
U
E

A
R
R
U
D
A

C
A
M
A
R
A

A philosophia de um titulo: "Sala de Abolição e do Exílio". Nele se reuniram a odymia do escravo e a do Throno. Vemos ali um os instrumentos da ignominia: ferro de marcar escravos, aparelhos de tortura para a bocca e os dedos; algema com corrente e cadeado; o "Viramundo", que devia ser uma ironia tragica; gargalheira, brilha, corrente de ferro para suspender o repulso-marte, cintura para crucifical-o no mocho das apices, amarras para arrancar-o á redempção de "muito"...

E, depois retratos de abolicionistas, manuscritos, a estatua de Lei do Ventre Livre, e a carta com que a Regente "aniquila a tempo a abolição e a abdicação". É o relógio de Pedro II, o relógio que marca os horas de fastigio sereno e poderio absoluto, as horas de sabedoria, a hora da ingratidão...

A um canto de sala, a alta-comedia do primeiro reinado. O meio sorriso da imperatriz de Santos, a bella Domitila, posta ali, por acaso, como sempre viveu: entre as legiões do Imperador e os chifres do brigadeiro...

Anquinhas, balões, Sévres e Limoges, porcelanas, mimos de arte decorativa, papercinos caprichos de luxo delicado, de riqueza illuminada pela intel-

Petizes parahybanos



RETRATO DE D. D. AMATHAR DE
VASCINELLAS

gencia, que fizeram o ambiente de certas épocas da Côte.

A collecção de numismatica é um dos maiores prodigios do Museu Historico, a mais rica do mundo em moedas do Brasil e com uma admiravel copia de medalhas e moedas de quasi todos os paizes. 75 mil peças pacientemente classificadas num lento e caprichoso trabalho de especialistas.

Como resumir, sequer, numa reportagem ligeirissima de impressões o que o olhar apprehendeu de relance numa visita rapida?

Retratos (alguns rarissimos, como os da adolescencia de Pedro II), papéis, fac-similes albus, autographos, gravuras, moveis, todo um mundo de documentação historica e social. Toda uma admiravel reconstituição, erigida em dois annos, de quatro seculos de vida brasileira.

E tudo isto conseguido por mil e um milagres de vontade, de paciencia, de pachorra, que é o termo, tudo isto arrancado aos poucos ao egoismo dos colleccionadores ou á inercia dos indifferentes, com um auxilio official que é uma irrisão desalentadora.

Galvanizando o passado brasileiro, com essa revivescencia prodigiosa de sociedades extinctas, o sr. Gustavo Barroso tem-se feito, em meio a uma literatura de snobs e "flaneurs", esta coisa espantosamente rara no Brasil: uma intelligencia brasileira, uma energia a serviço da sua raça, da sua terra, do seu tempo.

PELOS ESTADOS

AMAZONAS

Tradução e interpretação das inscrições e tradições do Brasil pré-histórico

O cientista amazonense Bernardo Ramos, que há mais de 20 annos vinha estudando as inscrições lapidares do Brasil pré-histórico, acaba de concluir a sua valiosa obra, que, uma vez publicada, convulsionará o mundo científico.

A obra do dr. Bernardo Ramos está dividida em quatro volumes, contendo mais de 2.000 inscrições lapidares traduzidas e gravadas no granito muito anteriormente à era christã.

Como o seu trabalho exaustivo tivesse ido além das fronteiras brasileiras, traduzindo as inscrições pré-históricas não só da America do Sul, mas também da America do Norte e

Para o sr. Bernardo Ramos, o sr. José Fabio, entre os cientistas que têm se preocupado com decifração do problema epigraphico, foi o que mais se aproximou do mysterioso assumpto.

O sr. Bernardo Ramos, citando em sua alludida obra o sr. José Fabio, visou prestar uma homenagem justa aos seus grandes meritos, a proposito de uma carta que recebera do mesmo.

Em 1922, quando se encontrava na suprema administração do paiz o egregio dr. Epitacio Pessoa, o sr. Bernardo Ramos foi ao Rio expôr ao mundo científico o plano de seu trabalho.

Acolhido com grande carinho, pelo meio carioca, principalmente pelo dr. Epitacio, o sr. Bernardo Ramos realizou duas conferencias na sede da sociedade de Geographia, presididas por aquelle eminente estadista patrio.

Exibindo varias traducções de inscrições lapidares, entre outras a da Cavia e da Pedra Lavrada, da Parahyba, os deputados Ta-

Isso, entretanto, não é novidade para os antigos habitantes do Amazonas.

Falando sobre o assumpto com o cientista Bernardo Ramos, nos referiu este que em 1882, mais ou menos, quando era juiz de Barcellos, sede da antiga capitania do Rio Negro, o dr. José Peregrino de Araújo, que foi presidente da Parahyba, no regimen republicano, já se tinha noticia da existencia de indios brancos, de cabellos loiros e olhos azues, conhecidos pela denominação: tribu tapioca, aldeados em terras do Rio Branco amazonense.

Referiu-nos ainda o sr. Bernardo Ramos que se dando, por aquella época uma grande hecatombe em Boa Vista, sede do Rio Branco, então termo de Barcellos, dois dias após já se tinha conhecimento dessa triste occurrencia, em Barcellos, em virtude de comunicação levada pelos ditos indios a José Campos, que mantinha, no interior, grande commercio com os tapiocas.

O que é facto, accrescentou o sr. Bernardo Ramos, é que oito dias depois chegou a Barcellos o expresso official communicando ao dr. José Peregrino as faladas occurrencias.

Valorização da borracha

Uma nova vida passa pelo Amazonas com a alta do preço da borracha.

Ao lado da valorização da gomma elastica, surge uma administração proba e operosa: a do sr. dr. Alfredo Sá, interventor federal.

A crise do Amazonas era mais provocada pelas administrações do que mesmo pela baixa do seu producto principal—a borracha, e isso mesmo dissera «A Reacção», orgam manauense que circulou em 1920: «a modificação da nossa precaria situação para melhor depende principalmente de um governador proba e operoso».

E o dr. Alfredo Sá, cinco annos depois, veio por factos demonstrar esse prognostico da «A Reacção».

Além de trazer em dia o functionalismo activo, no corrente exercicio, o interventor federal tem creado varias escolas primarias, está construindo um predio para um novo grupo escolar, cuidando ainda da limpeza dos proprios estadaes, etc.

Segundo um communicado do sr. dr. Alves de Lima, inspector dos consulados nos Estados Unidos da America do Norte, para o nosso ministro do exterior, e transmittido por este ao interventor federal, tende ainda a subir, e talvez consideravelmente, o preço da borracha.

Isso deverá acontecer nos annos de 1928 ou 1930, segundo as previsões do Sr. Herbert Hoover, ministro do commercio da grande Republica, pela possivel falta da gomma elastica nas Indias, como accentua o sr. Alves de Lima no seu communicado.

(Continúa no fim da revista)



O porto — Tracção aerea da "Manaus Harbour Ltd."

Central, passou a sua referida obra a denominar-se *Inscrições e tradições de toda o Continente Americano*.

Encontrando nas suas pesquisas scientificas inscrições similares ás da America—nos continentes europeu, asiatico e africano, o sr. Bernardo Ramos igualmente as traduzia, descobrindo sempre identicas relações de pensamentos, idéas, conceitos, ao systema paleographico existente nas três Americas.

Nasua obra, o sr. Bernardo Ramos faz judiciosas referencias a um importante trabalho do sr. José Fabio da Costa Lyra, de Bonaneira, o qual vem publicado na Revista do Instituto Historico Parahybano.

vares Cavalcanti e Daniel Carneiro, reconhecendo o merito do trabalho do sr. Bernardo Ramos, apresentaram um projecto de lei, na Camara, autorizando o Governo da Republica a mandar publicar a obra do cientista amazonense.

Este projecto dorme hoje no Senado.

Indias brancas

O Sr. Dr. Rios, há annos em explorações scientificas pelo Amazonas, acaba de communicar á Sociedade de Geographia de New-York, que descobriu tribos brancas, entre as montanhas do Parimí, que servem de divisa ao Brasil com as Guayanas e Venezuela, e o rio Orinoco.

MORIENDUM ESSE!

por SAMUEL DUARTE

A Austria atravessa uma crise aguda de suicídios, succedanea de outras, talvez mais penosas na prolongada agonia de seus lances: a miséria e a fome, placentarias calamidades que sobrevieram à guerra.

Uma successão de desgraças envolve a existência daquela nação cujo abafamento d'agora tanto contrasta com o esplendor do império de Carlos V e de Maria Theresa, quando a Casa d'Austria impunha o orgulho de seu despotismo, derivado de uma soberania transcontinental.

O que na latitude de tres annos inspira as allianças sagradas no esforço de abafamento não resistia à innocencia da democracia nem à violencia da guerra.

De resto a Austria desmembrada, dividida, refugia apenas no salutar de malicia histórica o prego de uma divida de sangue: ao cumprir ao espoliamento da Polónia.

Por mais que nos estimule a piedade, não podemos esquecer ao caso da Austria uma injustiça igual ao caso da Polónia.

Faltava ao império da Austria-Hungria a homogeneidade — de raça que é o nervo da estabilidade civil. Assim, o tratado que a Austria não encontrou na tarefa (igonomica para os humanitarios que ainda choram sobre pedregal de nação a sangrar) as dificuldades que levam aquelles soldados romanos a decidir pela posse da tunica de Jesus.

Se a Austria fosse inconsultil, vale dizer, uma em raça, talvez a partilha embargasse os juizes de Versailhes, se escrupulos fossem esses juizes de retalhar uma nação que, mesmo dividida, se conservaria moralmente integra pela identidade de raça, lingua e religião. Mas o império era um aggregado de elementos varios, uma juxtaposição de estados facil de descompartar, e que a politica interna nunca teve a preocupação de fundir, de absorver, de cristalizar.

Ea não sei se os soldados romanos ficaram contentes com o resultado do jogo. É bem possível: os que perderam a tunica e muito mais quem a empalmou. Eram fatalistas, a tunica era de um pobre filho de carpinteiro, não cabe a ser de elementos variis dados para decidir a posse da Austria (com grande decepção para os liberais) talvez se enfurecessem e reatrassem os horrores da Guerra dos Cem e Dezeses Annos.

Aqui o leitor culto se detem e diz: «Não ha coherencia nestas considerações. Os soberanos que desmembraram a Polónia foram mais tractantes que os conferencistas que dividiram a Austria. Porque aquella ficou esmaltada e a Austria dividida em estados independentes... Não acho razões para se considerar mais infeliz esta que aquella...»

Essas razões existem. A Polónia perdeu a sua independencia. Mas ficou integralizada dentro da organização de tres poderosos impérios. Perdeu a independencia — mas por muito tempo se alliviou desse peso ingente: a responsabilidade historica, que o tratado de Versailhes muito generosamente lhe restituiu.

E a Austria? Em vez de nação integra — nação dividida em estados aparentemente autônomos, entregues ao desgoverno de si proprios! Francamente, a situação é mais penosa. E mais irritante — porque não podem legistar, não podem interessar-se por negocio algum, não podem finalmente respirar — sem o placet dos Gabinetes que contrôlaram as manobras politicas do continente. O que vale dizer que a sede é mais intensa para quem a sofre, sendo, á distancia, limpidas fontes de aguas limpidas, do que para quem a padece mas ainda pode molhar a lingua em gelo morto.

A população da Austria (do estado, que conservou esse nome depois do tratado) palha fome e miséria.

E ainda ha quem reprove as violencias da revolução vermelha! As plebes tyrannizadas

pedem pão, não a troco de ociosidade como os romanos que enfureciam Caligula, mas em retribuição ao esforço com que nutrem a sociedade e os burguezes ricos «esses vorazes e sombrios tubarões do mar humano», grosseiros e gordos burguezes que tanto enojam os delicados.

Os telegrammas, nos jornaes, relatam os suicídios, numerosos.

E já ninguém se commove. Certamente seria ridiculo levar o lenço aos olhos por causa de desgraças tão distantes... Mas essa indiferença prova a impiedade.

A pobre Austria anniquila-se pela desgraça voluntaria do suicidio. Nem a força da religião, ultimo consolo dos que se fatigaram nas tortuosidades do infortunio, pode mais impedir essas resoluções desesperadas. E' preciso morrer — e na morte encontram o asylo final e seguro todos os exilados da alegria.

O eterno opprobrio da miséria que fere as classes humildes é alli mais intenso e doloroso agora com a crise do trabalho: as minas abandonadas, a falta do pão, a concurrencia feroz, a desvalorização dos productos.

Deante disso quem, por mais ingenuo, acredita ainda essas theorias cynicamente optimistas que propõem remedios para tantos males? Quem, por mais estúpido, ousa ainda affirmar o progresso da humanidade em vinte seculos de evolução consciente?

Ahi está o proletariado europeu na plenitude de sua escura desgraça, desafiando a sabedoria de todas as legislações, em circumstancias que envergonhariam o escravo romano do tempo de Spartacus.

Ahi está a soberania do capital, na absorção de todas as energias, zombando das violencias do socialismo humanitario, e para quem sociedade e governos valem tanto como Roma para o ouro de Jugurtha.

«Irremediavel é que incessantemente a plebe sirva, a plebe pene», para que do alto de seus appetites saciados os seus oppressores lhes repitam o grito MORIENDUM ESSE, que aos perugianos rendidos gritava aquelle invertido e abjecto Augustus, em quem certos professores de historia quasi reconhecem um santo!



Jorge, Laura e Jandira, filhas do dr. Evaristo Gondim, residente em Parati, Estado do Rio Grande do Norte.

Gavêta de Sapateiro

Bravos, Campina!

De consciencia, ninguém reprovará a attitudede dos campinenses, fazendo parêde contra as carissimas sensaborias cinematographicas. Certo, não batemos palmas aos excessos, mas quizeramos que a lição fosse aprendida pelos habitantes desta capital, onde a tolerancia, a condescendencia, excede ás raias do imaginavel, especialmente no que diz respeito a certa empresa, cujo nome até nem temos coragem de dizer...

Bravos, Campina!

A proposito

A proposito da Companhia Maria Castro, lembramo-nos que essa actriz, há quinze annos, esteve aqui como estrella da Companhia de F. Santos. As sympathias do nosso publico voltaram-se porém, naquella occasião, para a sua collega Eufrasia Barrêto, o que motivou instantes de desespero ao grosseiro empresario da companhia.

Ago.a, porém, Maria Castro foi providente não quiz do seu repertorio archeologico papéis confiados a mulheres que podessem rivalizar-se com ella!

Lafcadio Hearn

Na imprensa desta e da vizinha capital de Pernambuco, tem, nestes ultimos tempos surgido verdadeira propaganda sobre os trabalhos de Lafcadio Hearn. Entre nós, até se vislumbra nalgumas entrelinhas a insinuação de que o alludido e saudoso escriptor é desconhecido, ignorado nesta Parahyba. Não contestamos a opinião mas deixem-nos dizer que em 1913, o *Jornal do Commercio*, desta cidade, editando ligeira noticia sobre Lafcadio Hearn, em traducção especial publicou-lhe a mimosa novella — «CHITA».

A mesa

Passou a época dos atalhados.

Hoje, o que se admira na mesa das refeições é a qualidade e o polimento da madeira. Também já não se enfeitam jarros e centros coroados de grandes tiños de flores: todos os vidros, fructeiras, etc., devem ser de altura mediocre, de maneira que não interrompam as vistas dos convivas. O chôr está em cada prato descansar num paninho de rendas finas, carissimas, valendo cada um, mais do que qualquer dos bons atalhados, ainda em uso entre nós!

Como escrevia Maciel Pinheiro

Todos sabem que Maciel Pinheiro era pri-

moso jornalista. Os seus artigos illustram a imprensa do Recife e ainda hoje são lidos com admiração pelo estylo, pela segurança logica de suas opiniões, Maciel Pinheiro, porém, era incapaz de escrever duas linhas á vista de outra pessoa. Na redacção do jornal em que collaborava, tinha o seu gabinete reservado, ou a sua banca afastada de todos os companheiros. Era no silencio que compunha os vigorosos editoriaes a favor do abolicionismo e da Republica.

A solução

A familia... viu-se embaraçada com a scião havida no Club Astréa. O chefe acompanhava os dissidentes, mas uma das filhas do casal é quasi noiva de um joven entusiasta do Astréa. O caso foi discutido em sessão de familia e assim, a matrona com a filha quasi noiva são partidarias do velho club; o marido com outra filha e um rapaz são pelo dos *Diarios*. Mas o quasi noivo, e sabem que um quasi noivo dentro da casa de sua cogenere é omnipotente, o quasi noivo, dilemo, quer todos formando ao fianco de suas opiniões... E agora estudam outra solução...

Mesa albeia

Num retalho de jornal, temos a seguinte quadra:

Teus vestidos, minha prima,
Muito decentes, não são:
— São muito bellos por cima,
São muito altos por baixo!

O valle do Jaguaribe

Muito se tem escripto, nesta cidade, em favor do saneamento do rio Gramame, cujas adjacencias poderão offerecer elementos de vida a centenas de familias, além de produzirem o que a nossa capital precisa de legumes e hortas.

Muito bem! Mas por que olharmos para mais longe, por que activar-se um esforço cujo valor monetario egualta o orçamento do Estado e o da Republica? Vejamos empresa mais modesta; olhemos o valle do Jaguaribe a três kilometros desta cidade, á qual fornece a maioria dos canos de febre palustre que hater a população dos seus arredores. É uma extensão approximada de 15.000 metros de comprimento por 200 metros de largura, ou seja 3.000.000 metros quadrados de terrenos para cultura. Esta area, deserta e plantada valeria mais ao ventro e a salubridade da Parahyba, ao saneamento de Tamboré e do Bessa do que os apogeados canos fôllos ao sol do verão e destruidos pelos aguaceiros do in-

verno.

Além disso, o exito do valle do Jaguaribe, seria a propaganda mais proficua para o saneamento do Gramame.

Escola dramatica

Batemos palmas á criação da «Escola Dramatica», e redobramos os applausos quando soubermos que alli há um professor que não permite que os alumnos masculinos para engendrar chiste, se deixem tentar por phrases ambiquas, inflexões tendenciosas; de um professor que saiba o que é theatro, o que é representação na qual varias partes são defendidas por senhoritas...

Vital Lino

SOCIEDADE PARAHYBANA



senhorita ZIZI TOSCANO

Nossas industrias

A tinta azul preta de marca *Brasil*, fabricada pelo sr. José Patricio de Carvalho, pharmaceutico e industrial na cidade de Areia, é um dos productos nacionaes que merecem a nossa preferencia, constituindo portanto, um desmentido ao máo vês de depreciarmos a nós mesmos, desacreditando o que é nosso. Os vidros dessa tinta acham-se á venda nas nossas principais casas especialistas do producto nesta capital.

Um voto atendido

PELOS ESTADOS

(continuação) Lafcadio Heere

— Lembra-se, disse eu, quando V. declarou, na sala de aula que desejava morrer por Sua magestade o Imperador?

— Sim respondeu-me, rindo. E a ocasião chegou não somente para mim como também para muitos dos meus antigos camaradas.

— Onde se encontram? perguntou. Com V.?

— Não! Eram todos da divisão de Himeji e já estão na China. Imagina (pobre lembrança do dia), mostra: era muito alto, Macpherson e outros tomaram parte no combate de Sing-Poan. E morreu-se, o sr., de uma tremenda infecção?

— O tenente Taji? Sim. Está reformado.

— Mas não parte de reserva. Foi também para a China. Tem outros filhos depois que o sr. não de longe.

— Quando esteve em Himeji, quando lá, ele tinha dois filhos e um rapaz.

— Sim, hoje tem dois filhos.

— Então a sua família deve estar bem impiedosa.

— Mas não está, explicou o rapaz. É muito honroso morrer durante um combate; e o governo atende a necessidades das famílias daquelles que morrem. Nossos officiaes não têm receio. Somente, é bem triste morrer quando não se tem um filho?

— Verdadeiramente?

— Não é assim, no Occidente?

— Ao contrario: achamos que é bem triste morrer quando deixamos filhos.

— Porque?

— Todo pae extremoso, brasileiro fica inquieto a respeito do futuro dos seus filhos. Se elle lhe faltasse de repente, muito soffriam as creanças.

— Não se dá o mesmo com as famílias dos nossos officiaes. Os parentes tomam conta do menino e o governo lhe dá uma pensão. O pae, portanto, não tem nenhuma razão de medo. E' bem afflicto morrer para aquelle que não tem filhos.

— Quer dizer V. que é afflicto para a mulher e para outros membros da família?

— Não. Eu digo que é doloroso para o proprio homem, para o marido.

— E como isto? Como pode sentir um filho a um morto?

— O filho herda; o filho mantém o nome da família; o filho faz as offerendas.

— As offerendas aos mortos? perguntou.

— Sim. Compreendeu agora?

— Compreendendo o facto, não o sentimento. Os militares têm ainda essas creanças?

— Certamente. Não existem semelhantes no Occidente?

— Hoje, não. Os antigos gregos e os romanos acreditavam em cousas parecidas.

Pensavam que os espiritos ancestraes ficavam morando nos lares, recebiam as offerendas e

protegiam as famílias. Sabemos em parte porque elles tinham estas idéas; mas ignoramos a que elles sentiam exactamente porque não podemos comprehender os sentimentos que os seus pais sentiam. Pela mesma razão não podemos ter uma idéa exacta do verdadeiro sentimento japonês com relação aos mortos.

— Então, pensa que a morte é o fim de tudo?

— Não está ainda a explicação do meu embargo. Certos sentimentos são herdados e, além, também, certas idéas.

Os seus sentimentos e pensamentos relativa-

mente aos mortos e aos deveres dos vivos para com os mortos, differem radicalmente dos de um occidental. Para nós, a idéa da morte é de uma separação total, não somente dos vivos, mas também do mundo inteiro.

O Buddhismo não fala, também, de uma longa e sombria viagem que os mortos devem fazer?

— Sim, a viagem para o Meido. Todos a devem fazer. Mas não vemos na morte uma separação completa.

Pensamos nos mortos como se elles ainda existissem entre nós.



Sala dos esportes de ALECRIM em NATAL — Photographia apanhada na ocasião da inauguração da sociedade.

«Nós lhe falamos diariamente.

— Eu o sei, mas ignoro as idéas que se escondem sob os factos. Se os mortos vão para o meio porque se fazem offerendas aos ancestraes nos altares de cada familia?

Porque lhes dirigimos preces como se elles estivessem verdadeiramente presentes? A classe media não confunde, assim, o ensinamento buddhista, e a crença do Shintoismo?

— Alguns o fazem talvez, mas as offerias feitas aos mortos são simultaneamente dirigidas em diferentes lugares, mesmo por pessoas que são somente buddhistas, nos templos parochiaes, e deante do *but-sudan* da familia.

— Como, porém, conceder que as almas estão simultaneamente no Meio e em diversos outros lugares? Mesmo que o povo creia que a alma se multiplica, isto não resolve a contradicção, porque, segundo o ensino buddhista, os mortos são pelados.

— Concebemos a alma como sendo ao mesmo tempo uma e varias. Nós a temos como uma pessoa, não como substancia. Pensamos nella como em qualquer coisa que pode estar ao mesmo tempo em varios lugares, como por exemplo, em movimento no ar.

— Ou a electricidade? suggerir.

— Sim.

Evidentemente a idéa do Meio e a da adoração dos mortos no lar não pareciam irreconciliaveis ao meu joven amigo: talvez para aquelles que tivessem estudado a philosophia buddhista as duas crenças estivessem até em accordo.

O Sutra do Lotus da Boa Lei ensina que o estado de Buddha «é sem fim e sem limite, immenso como o elemento do ether».

E diz de um Buddha que ha muito penetrara o Nirvana: «Mesmo depois de sua extinção completa, elle erra através do mundo inteiro, nos dez pontos do espaço».

E o proprio Lutra, depois de ter narrado a appareição simultanea de todos os Buddhas que ainda existiram, declara que o Mestre proclamou: «Todos aquelles que vedes são meus proprios corpos, por milhares de Kotis (1) semelhante ás areias do Ganges».

Elles appareceram para que a lei possa ser cumprida».

Mas pareceu-me que na imaginação ingenua da gente do povo não se pode estabelecer jamais um accordo entre as concepções primitivas do Shintoismo e a doutrina buddhista, muito melhor definida, sobre o juizo das almas.

— Pode v. verdadeiramente pensar na morte como na vida, como na luz? disse eu.

— Ah sim! respondeu sorrindo. Não acreditamos que depois da morte ficaremos com nossas familias. Veremos ainda nossos parentes e nossos amigos. Ficaremos no mundo contemplando a luz como agora mesmo.

No tocante á justiça, procurei sempre por ella nortear os meus actos, de accordo com os pendores do meu espirito, mais inclinado á magistratura que á politica. A ella sacrifiquei amizades; por ella provoqueei resentimentos; mas não me accusa a consciencia de haver jamais, durante o meu governo, praticado intencionalmente uma injustiça ou violado o direito de quem quer que fosse. Nas nomeações nunca me deixei levar pelo interesse partidario; preocupavam-me, sobretudo, o serviço publico, as habilitações e a situação pessoal do candidato, e não raros foram aquelles a quem colloquei por pedido directo, sem interferencia de politicos e muitas vezes contra a vontade delles. Nas promoções, estudava eu proprio os assentamentos dos funcionarios civis e militares, para resolver como juiz, e me constitui o procurador espontaneo e vigilante dos esquecidos, dos desanimados, dos vencidos pelas preterições ou pelo desfavor dos partidos. Nunca ninguém, por mais humilde que fosse, apellou para mim em nome da justiça, que me não visse logo pessoalmente empenhado na defesa do seu direito. Disto podem dar testemunho, além de centenas de interessados, todos os meus auxiliares, — misistres, chefes de repartições, membros das minhas casas civil e militar.

(Do II capitulo do «Pela Verdade»)

Vieram-me de repente á memoria algumas palavras do dever de um estudante, que se relacionavam com o futuro de um homem virtuoso e que me apparecem, agora, com uma significação nova: «Sua alma ficará pairando eternamente no Universo».

— Então, replica Anichí, aquelle que tem um filho pode morrer tranquillo.

— É porque o filho faz offerendas de alimentação e de vinho sem as quaes a alma do morto soffrerá?

— Não somente por causa disto. Ha deveres mais importantes que aquelle de fazer offerendas. É porque todo homem, depois da morte, tem necessidade de qualquer um para o amar. Compreende agora?

— Compreendendo suas palavras, disse, e os artigos de fé. Mas eu não apprehendo o sentimento. Eu não posso imaginar que possa ter consciencia de um amor depois da morte. E V. que vez para longe combater, não é infeliz por não ter um filho?

— Eu? Não! Eu sou, eu mesmo, um filho cadete. Meus pais vivem ainda; são fortes e meu irmão se occupa delles. Se eu morrer haverá muita gente na minha casa para me amar: meus irmãos, minhas irmãs e as crianças. É differente para nós soldados: somos quasi todos muito jovens.

— Durante quanto tempo se fazem offerendas aos mortos? perguntei eu.

— Durante um seculo.

— Somente durante cem annos?

— Sim. Mesmo nos templos buddhistas as orações e as offerendas são feitas durante cem annos.

— Os mortos não sentem o desejo de que se lembrem delles depois de decorrido um

tempo? Ou desaparecerem elles enfim? Ha uma morte para as almas?

Não. Mas depois de um seculo elles não estarão mais connosco. Alguns dizem que elles renascem. Outros declaram que se tornam em *hamis* (1) e são adorados como taes, recebendo offerendas no Toko (2), em determinados dias.

Sabia que essas eram as explicações accetidas communmente mas ouvira falar de crenças que se differenciavam muitas dellas.

Existem tradições segundo as quaes nas familias de grandes virtudes, as almas dos an-



A interessante DENIZE, primogenita do

1) Koti: dez milhões

cestraes tomam a forma material e si tornam ás vezes visíveis durante certas epochas. Um peregrino sengaji, (1), dias atraz, nos contou uma historia de dois phantasmas que elle pretendia ter visto numa região muito distante, no interior do paiz. «Eram formas pequenas, e vagas, escuras como bronze velho». Não podiam fallar, porém emitiam sons gemidos; não comiam, mas respiravam o vapor quente dos pratos que lhe eram destinados.

Seus descendentes affirmaram que cada anno elles se tornavam mais pequenos e indistinctos.

— Acha estranho que amemos os mortos? perguntou-me Asakichi.

— Não, respondi. Ao contrario, acho muito bonito. Mas para mim na qualidade de estrangeiro vindo do Occidente, o costume não me parece pertencer aos tempos modernos mas a um mundo mais antigo. As idéas dos antigos gregos relativas aos mortos deveriam assemelhar-se muito ás dos japoneses contemporaneos. Os sentimentos de um soldado ateniense, no tempo de Péricles, seriam, talvez, os mesmos que os seus nesta era do Meiji. V. aprendeu no collegio como os gregos se sacrificavam aos mortos e como honraram os espiritos dos homens bravos e dos patriotas.

— Sim, alguns de seus costumes eram semelhantes aos nossos. Aquelles que dentre nós, tombarem combatendo contra a China, serão venerados como *kamis*. O nosso Imperador, elle proprio venerará.

— Mas, atalhei, mesmo para um occidental isto de morrer longe do tumulo dos seus paes, em um paiz estranho, pareceria uma cousa bem triste.

— Oh não! Serão erigidos monumentos para dignificar os mortos nas cidades e nas nossas villas nataes.

Os corpos dos nossos soldados serão queimados e suas cinzas trazidas ao Japão. Pelo menos isto será feito toda vez que for possível, porque será difficil depois de uma grande batalha.

Uma lembrança de Homero me veio de repente á memoria, com a visão desse planalto antigo onde «as fogueiras funebres dos mortos continuavam continuadamente em multidão».

— E os espiritos dos soldados mortos nesta guerra, disse eu, não serão sempre invocadas para socorrer o paiz em tempo de perigo?

— Sim, sempre. Nós seremos amados e adorados pelo povo inteiro.

Dizia aquelle *nós*, naturalmente, como se já estivesse escolhido pela sorte para morrer. Depois de uma ligeira pausa tornou a falar:

(1) Termo japonês que significa senhor, ou um dos deuses nacionaes, semi-deuses, heróis deificando, ou seus descendentes como o Mikado.

(2) Toko, alcova onde se expunham antigamente os objectos sagrados e onde estão hoje os thesouros de arte da familia.

(3) Um peregrino sengaji é aquelle que faz uma peregrinação a um templo religioso da culta de Nichiren, viagem que fazem muitos annos.



BAPTISTA DA COSTA (JOÃO)

Caminho do Rural

— No ultimo anno que passei no collegio, fizemos uma excursão militar.

Fomos a um lugar sagrado, situado na região de Sakai, onde se adoram os espiritos dos heróis. É um lugar solitário, escondido entre as montanhas; o templo coberto pela sombra de grandes e velhas arvores que o rodeiam. Tudo está sempre em penumbra; o ambiente é humo e silencioso. Ficamos todos em linha em frente ao altar; ninguém falava. A correnteza, então, vinha através do bosque sagrado e toque de apello á batalha. Apresentamos as armas. E as lagrimas vieram-me aos olhos, não sei porque. Olhei meus companheiros e vi que sentiam a mesma emoção. Talvez não comprehendendo porque é um estranho.

Não ha um pequeno poema que está na memoria de todo japonês e que exprime admiravelmente este sentimento. Foi escripto ha muito tempo pelo grande sacerdote Saigyô Hishi, que foi um grande guerreiro na sua juventude e cujo nome verdadeiro é Sato Na-riyoshi.

Nan-gu to wa,
Oshikatsu to wa,
Shimo dani,
Aigata ni ni wa,
Kamida kishirare (1)

Não em a primeira vez que ouvi semelhante creffito.

Muitos dos meus alumnos antes hesitaram em me falar dos sentimentos despertados pelas sagradas tradições e pelas solemnidades mysticas praticadas nos antigos altares. Com effeito a experiencia de Asakichi não era unica pois representava uma crida de um mar immenso. Ella não exprime senão o sentimento universal de uma raça, — a emoção vaga, profunda, incommensuravel do Shintoismo.

Continuamos o nosso colloquio até ás primeiras sombras daquela noite estival. As es-

trellas e as lampadas electricas da cidade sointillaram; de repente soaram os clarins e da fortaleza de Kyomasa, subiu, naquella noite, profundo como o ribombar surdo de um trovão — o canto de dez mil homens.

Nishi mo kigashi mo
Mina teki zo
Minomi mo kita mo
Mina teki zo
Yose-kura teki wa
Shiranuki no
Tsukushi no hate no
Satsuma gata (1)

— V. aprendeu esta canção, não é verdade? perguntei.

— Sim, respondeu-me. Todo soldado conhece a.

Era o kumamoto Rôjô, o canto do sitio. Escutamos e distinguimos algumas palavras nesta poderosa onda sonora.

Tenchi mo kuzuru
Bakari nari
Tenchi wa kuzure
Iama kama wa
Sakuru tameshi no
Araba tote

(1) Qual é a causa disso? Eu não posso adivinhá-la sem explicá-la. Sei somente que minhas lagrimas recheadas brotam toda vez que em encontro deante do altar.

Versão brasileira

Oh! A patria do norte ao sul
Está cheia de inimigos
Olhando de este a oeste
Está cheia de inimigos
Ninguém saberia dizer, verdadeiramente, o numero
Das legiões que se espalham
Das de Satsuma
A's margens do Tsukushil.

(2) Que importa que o mundo se entreabra,
Que o céu caia?
Que a montanha se misture com o mar?
Todos e cada um dos corações confiantes
Sabem de uma coisa que ficará
(contra a qual não ha poder),
Eterna, Santa e Pura:
Nosso immortel imperio.

Ugokanu mono wa
Kinú ga mi yo (2)

Asakishi ficou por muito tempo a ouvir, balançando os hombros ao rythmo rigoroso do canto.

Depois, como se acordasse de repente, pôs-se a rir e disse:

— Mestre, é preciso partir. Não sei como agradecer-vos, nem dizer quanto este dia foi de felicidade para mim.

Queira aceitar isto, disse tirando um envelope de sua blusa. Pediu-me uma photographia, ha muito tempo. Trouxe-a como lembrança.

Levantou-se, botou o cinturão. E, conduzindo-o até a porta, apertei sua mão.

— E que quer que eu mande da Coréa, mestre?

— Uma carta, somente, disse eu, depois da proxima grande victoria.

— Está dito, se eu puder ainda pegar de uma penna — respondeu-me.

Depois, perfilando-se, appareceu-me tal uma estatua de bronze, fez-me a saudação militar e desapareceu na escuridão.

Voltei ao «quarto dos hospedes» que me parecia desolado, e puz-me a pensar. Ouvia sempre o canto dos soldados. Escutava o ruido surdo dos trens que levavam tantos corações jovens, tanta lealdade inestimavel, tanta fé,

amor e coragem para a agitação dos arrozaes chinezes, para os logares onde frequentaram os cyclones da morte.

III

Na noite do dia em que li o nome de Kosuga Asakichi, na longa lista dos mortos, publicada pelo jornal local, Manyemon enfeitou e decorou a alcova de recepção, como para um festival sagrado. Encheu os jarros de flores; accendeu innumeras lampadas e queimou insenso nos pequenos calices de bronze. Quando tudo ficou prompto, chamou-me. Approximei-me do quarto: vi o retrato do rapaz, collocado sobre um pequeno *dal*.

Uma refeição em miniatura composta de arroz, fructas e doces estava servida — era a offerenda do velho.

— Talvez, disse Manyemon, isto seja agradável ao seu espirito, se o mestre quizesse falar-lhe. Elle comprehendê o inglês do mestre.

Falci-lhe com effeito, e o retrato parecia sorrir-me através das nuvens caprichosas do insenso. Mas o que eu disse, só o disse para elle e para os Deuses.

(Fim)

Dr. Solon de Lucena

Depois de uma permanencia de pouco mais de um mez no Rio de Janeiro, a onde fôra em viagem de recreio, regressou a esta capital o nosso eminente conterraneo dr. Solon de Lucena, chefe do Partido Republicano deste Estado.

Nós, que sempre prestámos as mais respeitosas homenagens de respeito e affecto ao ex-presidente da Parahyba, saudamol-o prazeirosamente pelo seu retorno a nossa terra, que lhe deve grande somma de serviços.



Os gatos sem cauda

Uma das singularidades da ilha de Man consiste nos gatos sem cauda que alli se vêem em quantidade. Esse appendice, entre elles, está reduzido a um filête imperceptivel, escondido sob a pelle.

Os naturalistas consideram-se sem uma base para a explicação dessa curiosidade, e, mesmo, da origem dessa raça, que não é encontrada em qualquer outro ponto do globo. E' de notar ainda a singular antipathia desses felinos por todos os gatos de cauda.

ASPECTO DA CIDADE — — BAIRRO DE 'TAMBIA'



Nada mais justo, respondeu-lhe o advogado, e calha em porque é precisamente o prego da minha consulta

Nótulas

Metempsychose

Os adeptos do grande Lama estão convencidos de que os mortos resuscitam a outra vida, e os monges, nessa fé, sepultam seus entes queridos de modo a elles poderem continuar sua vida habitual, depois da resurreição.

Quando morre um homem idoso, seu corpo fica exposto durante três dias na tenda, em que escrevem as seguintes palavras:

— «O'lli or eterna da sagrada planta loto de Buddha» . . .

Destinam-se ao morto nove vasilhas, nove veados, nove cavallos, camellos e bois, que o Lama recebe em nome do fallecido. O Lama, da sua parte, junta aos presentes nove bolas vãs por dentro de uma vasilha cheia de agua benta. Como o defunto não pôde aproveitar-se dos viveres sem o intermedio do santo homem, é este ultimo que se encarrega do agradável mister.

Quanto mais gordo o Lama, maior a bem-aventurança dos fallecidos no céu.

A's vezes, o povo castiga o Lama por sua cupidez, jogando seu corpo, depois da morte, aos cães, para lhes servir de pasto, cumprindo assim os enigmaticos mandamentos dos livros sacros.

Exposição culinaria

Vae abrir-se proximaemente, em Paris, a 29 de fevereiro, uma exposição gastronomica, patrocinada por varios ministros, senadores e altos personagens mundanos.

A arte de bem comer, que a carestia da vida tinha feito esquecer um tanto, torna a ser de moda.

Ainda não está esquecida a feliz iniciativa da secção de cozinha do Salão de Outomno, e ja se prepara agora esta nova manifestação da arte culinaria, tão apreciada em França.

O futuro Salão Gastronomico reunirá todo o que a arte da mesa franceza possui de justamente afamado, desde as minurias, os mil abjectos necessarios á confecção dos pratos; a maneira de os dispor, de apresentar os vinhos, até o mobiliario da sala de jantar — tanto é verdade que uma linda e finissima toalha, raros crystaes, bellas flores, cadeiras confortaveis, atmosphera influem no appetite para uma boa refeição.

Sonhos de aviadores

Entrevistado no seu regresso a Paris o aviador Barbot declarou que seu sonho seria voar, fazendo turismo, com menos de dez cavallos.

Barbot manifestou a intenção de tentar a travessia da Mancha com o minimo de consumo. Se fôr bem succedido, fará o raid Paris-Rouen, com um litro de combustivel.

Santos Dumont igualmente entrevistado a respeito, manifestou grande alegria com o exito da aviação leve.

Grças á motocyclette aérea, a aviação popular poderá ser realizada um dia.

Agora o contrario:

Narra o *Daily Chronicle* que um motor de aeroplano, que desenvolvera uma força de 2000 cavallos por cylindro, achá-se em construção por conta do Ministerio da Aeronautica.

Esse motor permitirá a travessia do Atlantico em menos de 24 horas.

No dia seguinte encontraram-se na rua os dois inimigos e Voltaire, dirigindo-se a Piron, diz-lhe:

— Fui hontem á sua casa.
— Já sei, interrompe Piron: encontrei pregado na porta o seu cartão de visita.

LEGITIMOS

Bandolins Napolitanos

— RECEBEU A —

CASA VESUVIO

DE

VICENTE RATTACASO & COMP.

Rua Maciel Pinheiro, N. 163.

SOUZA CAMPOS & C. Ltda.

GRANDES ARMAZENS DE FERRAGENS

SECÇÃO DE VENDAS A VAREJO, A PREÇOS SEM COMPETENCIA.

ARTIGOS DE ARTE

E USO DOMESTICO DE

PRIMEIRA ESCOLHA

End. — SOUCAM

TELEPHONE N.

RUA MACIEL PINHEIRO

PARAHYBA

PARA SARDAS, ESPINHAS,
RUGAS, PANNOS, MANCHAS
E TRATAMENTO DA PELLE.



Pomada Remy
NÃO TEM RIVAL
MAGALHAES & LOBO
RUA MARCHELLE FLORIANO 17

POMADA REMY INFALLIVEL

Contra sardas, pannos, espinhas, cravos,
rugas, e manchas da pelle.

Principaes vendedores em Parahyba

Avelino Cunha & Comp.

PHARMACIA CONFIANÇA

TERTULINO C. DA MATTA

AVIA RECEITAS POR PREÇO
MODICO E COM A MAIOR PRESTES

123, Rua Barão da Passagem, 123

Parahyba do Norte — BRASIL

CASA POPULAR

de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento de
fumarina, roupas, etc.
de palha, ultimas novidades
têxteis, cretonas, murais e
manta, senhoras e crianças.

Matriz: Rua Beneditina, 207
Filial: Rua da Republica, 154 e 156

PARAHYBA DO NORTE

AGUA DE COLONIA

REMY

SUPERIORA, MELHOR, ESTRANGEIRA AL-
GEMAS GOTTAS PERFUMAM O BANHO

LOÇÃO

REMY

ELIMINA A CASPA E EVITA A QUEDA DOS
CABELLOS.

BRILHANTINA

REMY

UNICA QUE ONDELA OS CABELLOS.

"NATIONAL GAS ENGINE"

DEPOIS DA "HULHA BRANCA", PREDOMINA "O GAZ POBRE" COMO A FORÇA MOTRIZ MAIS ECONOMICA DO MUNDO.

OS LEGITIMOS MOTORES INGLEZES DA "NATIONAL GAS ENGINE" RESOLVEM ESSE PROBLEMA: TRABALHAM COM QUALQUER COMBUSTIVEL:

COLLIER & ARCHBOLD

ENGENHEIROS REPRESENTANTES

PERNAMBUCO — Rua Barão do Triunpho N.º 196

ENDEREÇO TELEGRAPHICO COLBOLD

THE HYDRAULICA ENGINEERING CO. LD. — CHESTER — INGLATERRA

PRESSAS HYDRAULICAS PARA ENFARDAR ALGODÃO

EM FUNCIONAMENTO

WHARTON PEDROZA & C. — Campina Grande

CALDAS DE GUSMÃO & C. — PARANHYBA

REPRESENTANTES EM PARANHYBA: A. LUCENA & C.ª

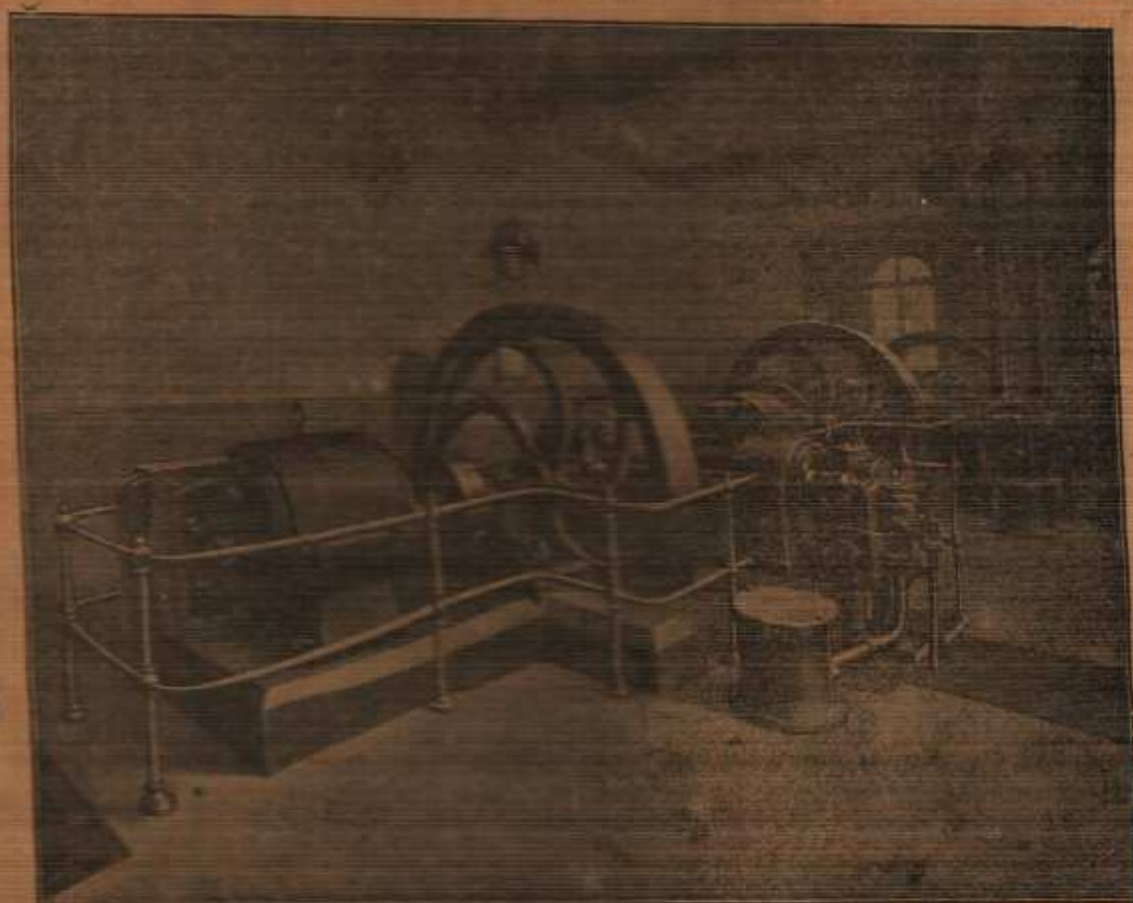
Rua Maciel Pinheiro n. 314 — CAIXA POSTAL — 109

PÓ DE SERRA, CARVÃO VEGETAL, DESPERDÍCIOS DE SERRARIAS, BAGAÇO DE CANNA, CASCAS DE CÔCO, LENHA DA MATTA, ETC., ETC.

Usinas de Luz Elétrica, projectadas e executadas com motores a gaz pobre "NATIONAL".

Maceió — Alagoas	— — — — —	500000	Velas
Victoria — Pernambuco	— — — — —	90000	"
Nazareth —	— — — — —	50000	"
Timbauba —	— — — — —	50000	"
Bello Jardim —	— — — — —	40000	"
Vigosa — Alagoas	— — — — —	32000	"
São Lourenço — Pernambuco	— — — — —	27000	"
Gravata —	— — — — —	25000	"
Muritiba — Alagoas	— — — — —	20000	"
Atalaia —	— — — — —	18000	"
Areia — Parahyba	— — — — —	17000	"
Quebrangulo — Alagoas	— — — — —	17000	"
União — Parahyba	— — — — —	— 5000	"

Mirrlees,
Bickerton
&
Daylimited.
Motores
"DIESEL"



UZINA DE LUZ ELECTRICA, EM UMA CIDADE DO INTERIOR,